

## LÍNGUA PORTUGUESA: GUINÉ-BISSAU E BRASIL UM CASO DE VARIÇÃO LINGUÍSTICA



**Danildo Mussa Fafina**

**RESUMO:** Este trabalho de caráter geo-sociolinguístico consiste em uma investigação da variação encontrada nos diferentes níveis de análise da língua – fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático – de dois países: Brasil e Guiné-Bissau. A análise se baseia nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística e da Dialectologia. A análise permitiu observar que essas duas variedades se distanciam, tendo em vista que a formação social e cultural dos dois países é diferente.

Palavras-chave: Língua portuguesa. Brasil. Guiné-Bissau.

**RÉSUMÉ:** Ce travail du caractère géo-sociolinguistique consiste dans l'une investigation de la variation retrouvée dans les différents niveaux d'analyse de la langue – phonétique-phonologique, sémantique-lexical et morphosyntaxique – de deux pays: Guinée-Bissau et Brésil. L'analyse est basée sur les principes théoriques-méthodologiques de la sociolinguistique et de la dialectologie. L'analyse a permis d'observer que ces deux variétés s'éloignent, considérant que la formation sociale et culturelle des deux pays est différente.

Mots clés: Langue portugais. Brésil. Guinée-Bissau.

### 1. Introdução

A expansão da língua portuguesa começou com o descobrimento português que se deu início no século XV, em um conjunto de viagens realizadas pelos portugueses para explorações marítimas e descoberta de novas terras. Nessas viagens, eles

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Maranhão. Departamento de Letras. Aluno do Curso de Letras. E-mail: danimussa86@hotmail.com

carregavam consigo um dos mais importantes patrimônios da sua nação – a língua portuguesa.

Hoje, a língua portuguesa é uma das mais faladas no mundo, devido a sua presença em quase todos os continentes, o que corresponde a oito países que a adotaram como idioma oficial – Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor – além dos distritos de Macau e Goa.

O trabalho tem como objetivo mostrar as peculiaridades da língua portuguesa falada em Guiné-Bissau, e fazer comparações com a variedade falada no Brasil, principalmente, no Maranhão.

## **2. A língua portuguesa em Guiné-Bissau**

Não é por acaso que Portugal é reconhecido mundialmente como um dos melhores navegadores. Os portugueses empreenderam muitas viagens a diversos continentes com intuito de domínio e conquista de novas terras. As expedições não se restringiam simplesmente a explorar as riquezas naturais, elas buscavam também a expansão do império português que era centrado na propagação da fé cristã. Cristóvão (1929, p. 19), citando Antonio de Nebrija, diz que “*a língua era companheira do império*”. Por essa razão havia dominação política, social, econômica e linguístico-cultural em todos os territórios a que chegavam. O domínio português durou muito tempo até que todos os países tornaram-se independentes de Portugal. Mesmo assim, ainda há um elemento que os une, o maior patrimônio imaterial e cultural que Portugal deu de presente a essas nações. Esse patrimônio é a língua portuguesa que é veículo de comunicação de povos de nações diferentes e de povo de uma mesma nação, como é o caso de alguns países africanos.

A língua portuguesa chegou ao continente africano junto com os navegadores que se dedicavam a fazer viagens e descobertas de novas terras. Segundo Augel (2007, p. 51), o primeiro registro que se tem da presença de navegadores portugueses na Costa da Guiné e de 1446. Costa e Silva (2002, p.152) também enfoca a trajetória dos portugueses na costa ocidental da África, descrevendo assim o percurso feito por Nuno Tristão. Segundo esses autores, o maior trajeto percorrido por esse navegador português

foi na região da Senegâmbia (cujo território se localiza na costa ocidental da África e que hoje corresponde a dois países independentes, República de Senegal e Gâmbia). Ele percorreu ainda o canal do rio Geba, localizado no norte de Guiné-Bissau, rio esse considerado o maior do país. Essa penetração fez com que Portugal ganhasse mais espaço no território guineense, começando assim a captura dos escravos. Mas a reação por parte dos nativos não deixou de acontecer. Mesmo com enorme dificuldade por falta de munições para travar combate contra os invasores, os nativos apostavam nas suas forças e conseguiram combater a invasão. Segundo Augel (2007, p.52), “(...) a hostilidade dos nativos tem sua razão de ser na reação africana aos permanentes ataques de frotas portuguesas à costa ocidental, quando sequestradores incursionavam pelas aldeias litorâneas, levados pela cobiça, apresando escravos.”

Assim, a luta era constante de ambas as partes: de um lado eram os invasores que tinham como objetivo ter domínio em todas as áreas; do outro eram os nativos que lutavam para preservar seus direitos. Apesar de frequentes ataques dos invasores contra os nativos, houve a reação forte dos autóctones que não se conformavam com a forma como estavam sendo tratados. Isso resultou numa situação de desconforto e descontentamento que deu origem à luta pela independência de Guiné-Bissau. Essa atitude tomada pelos nativos fez com que após da luta da independência houvesse acordo por via pacífica, acordo esse que precedeu a adoção da língua portuguesa no País.

Tido como idioma oficial em Guiné-Bissau, o português é falado apenas por 10% da população, e ainda é desconhecido por uma grande parcela dos guineenses. Esse dado pode ser assustador, mas, para bem entender isso, é importante conhecer a real situação de funcionamento dessa língua no País.

Guiné, como outros países africanos, possui várias outras línguas que convivem lado a lado com as dos colonizadores. Após a independência de Guiné-Bissau, em 1973, o português tornou-se a língua oficial do país, principalmente no cenário político. Mas antes do português ser adotado, já havia mais de duas dezenas de línguas étnicas distribuídas em diversos grupos étnicos (cf. AUGEL, 2007, p.76), além do crioulo que é falado por 90% dos guineenses.

Como visto anteriormente, as expedições portuguesas no mundo tinham como uma das suas prioridades deixar suas marcas nas terras por onde passavam. Assim, os guineenses foram obrigados a se submeter à língua de “tugas” que lhes foi imposta mediante repreensões cruéis e, em consequência, tiveram de abandonar as suas línguas. Mas tudo durou pouco, e o desejo português não se concretizou graças à intervenção massiva dos nativos e luta contra esse tipo de dominação.

Para os nativos, a questão linguística é inalterável. Dizendo de outra maneira, não se pode mexer com a língua sendo ela o mais valioso patrimônio do povo, ou seja, mexer com a língua é mexer com a identidade. A questão da língua é levada tão sério em Guiné que, no próprio país, nenhuma língua poderia ganhar o status de língua oficial, como afirma Couto:

O fato é essa delimitação artificial resultou em estados multiétnicos e multilíngue, para os quais seria difícil encontrar-se um princípio unificador. Um dos primeiros problemas, se não o primeiro, com que se defrontaram os fundadores do estado Guiné-Bissau constituiu na decisão de que língua adotar-se como língua oficial. Nenhuma etnia aceitaria que a língua da etnia vizinha tivesse este privilégio (COUTO, 2009, p.55).

Para os guineenses, “*muda di lingua i muda di raça*” (mudar de língua é mudar de etnia). Em outras palavras, mudar de língua é mudar de identidade. Por essa razão, o crioulo surgiu naturalmente para resolver um dos primeiros problemas com que se defrontaram os guineenses no período da fundação do Estado. O crioulo serve, assim, como mediador das línguas étnicas, porém é considerado “*língua de ninguém*”, ou seja, a língua que pertence todos os guineenses. No que diz respeito ao português, cabe-lhe o papel de língua de ligação com outros povos mais distante de povo guineense. Não é por acaso que Amílcar Cabral, fundador da Nacionalidade guineense, afirma:

Temos que ter um sentido real da nossa cultura. Português (língua) é uma das melhores coisas que os tugas nos deixaram, porque a língua não é prova de nada, mas senão um instrumento para os homens se relacionarem uns com os outros, é um instrumento, um meio para falar, para exprimir as realidades da vida e do mundo (CABRAL, 1976 apud CANIATO, 2002, p. 134).

Por essa razão que os guineenses adotamos o português para que pudesse se comunicar com outros povos, porque a comunicação entre guineenses não necessariamente é em português, ou seja, a língua portuguesa não é necessária no cotidiano guineense, visto que há varias opções dentro do próprio País. Em síntese, o português não é ferramenta importante na comunicação cotidiana, mas sim serve para comunicação com outras comunidades que o adotaram como idioma oficial, porque sem ele não haveria a possibilidade de comunicação entre diferentes países, inclusive entre os africanos, visto que em cada país são faladas várias outras línguas nativas.

Segundo Caniato (2002, p. 133), o domínio do português nos países que o adotaram como idioma oficial transformou a língua portuguesa em instrumento do poder, principalmente quando é sua utilização na escrita de livros, jornais, revistas e nas comunicações oficiais. O seu uso por esses meios fez com que a língua portuguesa não criasse raízes nesses países, como é caso de Guiné, onde a intercomunicação entre diferentes grupos étnicos se faz em crioulo, a língua da unidade nacional.

A percentagem dos guineenses que fala, ou seja, que conhece e tem domínio da língua portuguesa é muito baixa, e uma das principais causas desta situação reside no fato de que os que levaram essa língua para Guiné não eram falantes “cultos”, e seus objetivos não eram especificamente ensinar a língua (cf. ABDALA JUNIOR, 2002, p. 135), mas sim o comércio de escravos e a exploração das riquezas naturais. Em Guiné, viveu-se uma situação diferente da do Brasil, já que aqui, por decisão do Marquês de Pombal, em 1757, o ensino da língua portuguesa tornou-se obrigatório, sendo proibindo o uso e o ensino das línguas indígenas. Também situação semelhante ocorreu em Angola, sob ordem do General Norton de Matos.

Guiné-Bissau não recebeu a mesma atenção que outras colônias portuguesas. Isso teve reflexos e consequências danosas na história do País, tais como a luta da independência e pouco interesse pela língua portuguesa, como explica Abdala Junior (2002, p.135):

A Guiné não teve a mesma atenção que outras colônias. Geralmente eram comerciantes portugueses que iam para lá, ficando apenas algum tempo, razão pela qual pouco mais de 10% de sua população fala e escreve

português. Posteriormente, com a independência, tornou-se a língua das escolas e das relações oficiais, como nas outras nações luso-africanas. (ABDALA JUNIOR, 2002, p.135).

O outro fato importante que se considera no que concerne à língua portuguesa em Guiné é o descaso para com o ensino público. Dizem que na escola pública é o lugar onde deveria aprender melhor essa língua e que também é o lugar onde mais se “prática” o português. Entretanto isso não corresponde à mínima verdade, uma vez que os ditos “preparados” para ensiná-la não têm o seu domínio e, muitas vezes, não conseguem passar adequadamente o conteúdo aos alunos, o que lhes leva, às vezes, a recorrer à língua crioula para explicar melhor o conteúdo.

### **3. A variedade do português da Guiné-Bissau**

A linguística como ciência já provou que toda língua varia constantemente independentemente do lugar em que está inserida. Para Bagno (2009, p. 20), “(...) a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso (...)”, ou seja, é como uma corrente de água que se arrasta conforme a direção de maré, não fica estagnada num só lugar, mas sempre em constante movimento.

A sociolinguística, por sua vez, postula que não existem línguas homogêneas, uma vez que, em um mesmo grupo social, os falantes não falam todos da mesma forma: cada falante possui seu modo de falar. Dito de outra maneira, uma língua se apresenta de maneira diferente em cada lugar. Para Antunes (2009, p.21), “[...] a língua comporta a dimensão de sistema em uso, de sistema presa à realidade histórico-social do povo [...] depende da cultura dos seus usuários, no sentido mais amplo da palavra”. Ou seja, é o falante que nomeia as coisas de acordo com a cultura local. Um exemplo desse fato pode ser observado na fauna: quando uma espécie de animal típica de uma determinada região é encontrada, os próprios nativos vão ter que nomeá-la, e a própria língua lhes dá a possibilidade de fazê-lo. Nessa perspectiva, não há como separar a língua e a cultura, elas são companheiras íntimas, uma não vive sem outra, assim como explica Couto (2011, p.16): “As línguas e as culturas fazem como as criaturas: trocam genes e inventam símbolos como resposta aos desafios do tempo e do ambiente”.

Por isso o português falado em Guiné-Bissau apresenta suas peculiaridades e se distancia das variedades faladas em outros países de língua portuguesa, tendo em vista que a formação social e cultural dos países lusófonos é diferente. Para explicar esse fenômeno, será necessário buscar o suporte da dialetologia e da sociolinguística, disciplinas que têm como foco o estudo da variação linguística.

Como é sabido, a língua levada à Guiné, pelos portugueses, sofreu ao longo do tempo várias transformações por estar em novo espaço, com novos falantes e novas realidades. Para demonstrar a diferença da variedade do português falado em Guiné-Bissau e no Brasil, foram consultados trabalhos publicados no âmbito da sociolinguística e da dialetologia que tinham o português falado no Maranhão e em Guiné-Bissau como objeto de análise.

O *corpus* deste estudo é constituído por dados reais de fala de indivíduos oriundos dos dois países investigados: Brasil e Guiné-Bissau. Com relação ao Brasil, foram utilizados dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)/ UFMA referentes a três níveis de análise linguística, a saber: fonético-fonológico, semântico-lexical e o morfossintático. Os dados referentes à Guiné-Bissau foram recolhidos por meio da aplicação de questionários fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático a alunos de ensino superior oriundos de Guiné-Bissau, com moradia fixa no Brasil.

**Quadro 1.** Variação Fonético-fonológica

<b>Fenômeno linguístico</b>	<b>Guiné-Bissau</b>	<b>Brasil</b>
<b>Palatalização</b>	/dia/ /tia/	/djia/ Tchia
<b>/r/ Vibrante</b>	/carru/ /corragem/	/caru/ /coragem/
<b>Deslaterização</b>	/brazil/ /sal/ /azul/	/braziu/ /sau/ /azu/
<b>Epêntese</b>	/advogado/ /digno/	/adjivogado/ /djiguino/
<b>Apócope de consoante</b>	/falar/	/falá/

<b>final /r/</b>	/comer/ /servir/	/comê/ /servi/
<b>Ditongação</b>	/pax/ /arrox/	/paix/ /arroix/
<b>Monotongação</b>	/caixa/ /couro/	/caxa/ /coru/

A variação fonético-fonológica do português falado em Guiné-Bissau é muito próxima da de Portugal e, conseqüentemente, mais distante da variedade do português brasileiro. Isso é resultado de convivência entre diferentes línguas correntes nos dois países: em Guiné, a presença das várias línguas étnicas; no Brasil, a presença das línguas indígenas, das africanas e da emigração.

#### **Quadro 2.** Variação Semântico-lexical

<b>Guiné-Bissau</b>	<b>Brasil</b>
Autocarro	Ônibus
Afiadeira	Apontador
Alcatrão	Asfalto
Casa de banho	Banheiro
Comboio	Trem
Hospedeira	Aeromoça
Paragem	Ponto de ônibus
Peão	Pedestre
Tabanca	Aldeia

No nível semântico-lexical, observa-se que em Guiné-Bissau há uma grande presença de itens característicos da variedade do português falado em Portugal, tendo em vista a ação da escola que elege como norma, para o ensino-aprendizagem do português, a variedade europeia. É óbvio que há elementos do léxico que são peculiares de Guiné, como é o caso de “tabanca”, “mancara”, entre outros que não são

reconhecidos ainda pelo simples fato de não haver dicionário do português falado em Guiné-Bissau.

**Quadro 3.** Variação Morfossintática

<b>Guiné-Bissau</b>	<b>Brasil</b>
Estou a estudar	Estou estudando
Cá estou	Estou aqui
Quer isso dizer	Isso quer dizer
A ver vamos	Vamos ver
Essa actividade é para eu fazer	Essa atividade é pra mim fazer

Também no nível da morfossintaxe, o português de Guiné encontra-se mais próximo da variedade europeia, afastando-se, conseqüentemente, da variedade brasileira.

**Quadro 4.** O uso dos pronomes pessoais (sujeito, objeto direto e objeto indireto)

<b>Guiné-Bissau</b>	<b>Brasil</b>
Eu vi- <b>o</b> perto da minha casa	Eu vi <b>ele</b> perto da minha casa
Quero conhecê- <b>lo</b> melhor	Quero <b>lhe</b> conhecer melhor
Já <b>lhe</b> disse que você não vai ao cinema	Já <b>ti</b> disse que você não vai no cinema
Diga- <b>me</b> o que quer	<b>Me</b> diga o que queres
A menina levantou- <b>se</b> da cama	A menina <b>se</b> levantou da cama

Não <b>se</b> tinha ainda afastado de mim	Não tinha ainda <b>se</b> afastado de mim
Ele pode aborrecer- <b>se</b> em qualquer momento	Ele pode <b>se</b> aborrecer a qualquer momento



Este último quadro exemplifica tanto a questão relativa à colocação dos pronomes objetos – na variedade guineense, da mesma forma que na europeia, a língua apresenta-se com construções enclíticas; enquanto no Brasil, a preferência é pela próclise – como as questões concernentes ao alargamento do domínio da forma dativa *lhe* em direção ao campo do acusativo *o*, e da forma nominal *ele* em direção ao campo do acusativo *o*, além do uso de *te* com o pronome *você*.

#### 4. Conclusão

Apesar de este estudo não ter uma maior profundidade, as diferenças observadas foram detectadas na fala de nativos dessas duas variedades da língua portuguesa, a guineense e a brasileira. Mesmo reconhecendo que, algumas vezes, há alguns ruídos na comunicação entre brasileiros e guineenses e que essas diferenças são significativas, acredita-se que ainda não se tem argumentos suficientes para que se possa advogar pela existência de duas línguas distintas. Como exemplo do ruído ora aludido, tem-se, no português brasileiro, a frase seguinte: “não tem mais açúcar aqui?” Qualquer falante brasileiro não terá dificuldade para entender que o indivíduo está perguntando se produto que já acabou. Mas, para falante guineense a frase possui outro sentido, é como se houvesse açúcar, mas numa quantidade menor do que a esperada por aquele que pergunta. Assim, para um falante guineense, se o que se quer apurar é a existência ou não do produto, a frase deverá ser estruturada da seguinte forma: não há açúcar aqui? Em síntese, o que faz diferença e causa o ruído para os guineenses é o uso do “mais” que possui valor de quantitativo na frase analisada.

Com esse trabalho, pôde-se concluir que toda língua varia, tanto no tempo como no espaço. Assim, destaca-se que a diversidade cultural entre Guiné-Bissau e o

Brasil e a influência das línguas que estiveram em contato com o português na construção da variedade falada em Guiné e no Brasil são fatores importantes na formação das duas variedades. Destaca-se ainda que atividade linguística de cada indivíduo contribui poderosamente para que este reconheça-se a si próprio e para ser reconhecido pelo outro. Na verdade, a língua é um fator de identidade cultural, porque é pelo seu uso que seus falantes se identificam. Ou seja, cada variedade responde às necessidades dos seus falantes.

### **Referências**

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo, Parábola, 2009. 215 p.

AUGEL, M. P. **O desafio do escombros:** nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro, Garamond, 2007. 422 p.

\_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 235 p.

\_\_\_\_\_. **Preconceito linguístico:** o que é e como se faz. 58. ed. – São Paulo: Loyola, 2009. 183 p.b

CANIATO, B. J. **Língua portuguesa e línguas crioulas nos países africanos.** Via atlântica/Departamento de letras clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo-n.5 (2002) – São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, 2002. P. 129-137.

COUTO, H. H. do. **Português em contato: o português e o crioulo na Guiné-Bissau.** Iberoamericana Vervuert, 2009.

COUTO, M. **E se Obama fosse africano?** E outras interinvenções ensaios. São Paulo: Companhia das letras, 2011. P. 14-103.

CRISTÓVÃO, F. **Da lusitanidade à lusofonia.** Coimbra: Almedina, 2008. 249 p.

SILVA, A. da C. **E a manilha e o libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700.** – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. P.152-160.

